

## APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

### Dez anos sem Blanchot: um silêncio que grita

*Ten years without Blanchot: a silence that screams*



Maurice Blanchot calou-se há dez anos. Mas o silêncio blanchotiano não significa ausência. É um falar silencioso que permite a proliferação de sentidos do legado do escritor. O silêncio que diz, mas não remete a algo dizível. Como algo que arranha o sentido, o silêncio é uma vertigem *que-faz-nascer* um eco de vazio. Enquanto fissura da palavra, o silêncio modela a palavra para que o significado do que é dito se eleve. Escrever entre silêncios, conforme Blanchot, é colocar essa sedução sem sedução em jogo, é expor a linguagem para logo depois repeli-la, pois, ao devolvê-la em frangalhos, as fissuras permitem uma constelação de sentidos. Ao defender a escuta do silêncio, o pensador francês argumenta que a literatura não se dedica a produzir sentido no mundo; em vez disso, busca suprimir a palavra comum e substituí-la por sua absoluta ausência – ausência identificada com a escrita literária. O escritor será então aquele que impõe silêncio a uma obra literária através de uma alta muralha contra a imensidão falante que se dirige a nós. Nessa preciosa morada do silêncio, a literatura se eleva e se organiza como uma potência silenciosa que dá forma e firmeza ao silêncio pelo silêncio. Como a labareda que se alimenta aquilo de que vive, o espaço literário é inevitavelmente aquele onde se dá a “morte” do escritor (como origem suposta de seu discurso) uma vez que uma ausência irremediável fala por meio dele. Este anonimato da palavra conduziu Maurice Blanchot a idealizar a experiência literária como uma dramaturgia da linguagem, da qual sua obra crítica e romanesca é espelho. A grande função da literatura está justamente em enunciar essa ausência (que é presença em um sentido não correspondente), refundando-se uma realidade de deslocamento na qual a linguagem precisa ser desconstruída para que se possa gestar um fazer literário como elemento transgressor. Essa ausência da obra acaba por designar uma linguagem residual que Blanchot define de Fora. Trata-se de escrever nas margens do livro, no espaço incerto de suas bordas, expondo-se um porvir do acaso que não permite uma unidade da obra, ontologicamente ancorada num centro

irreparável. Sem ponto de sutura ou de coesão, a obra literária se fragmenta e se dispersa em uma profusão sem limites. Não será mera coincidência a obsessão blanchotiana pelo canto das sereias enquanto imagem norteadora. O som dissonante do signo literário se aproxima do canto hipnótico e estranho das sereias que se origina de um lugar desconhecido e conduz a um destino incerto. Semelhantemente ao texto literário, um canto que seduz e convida à errância de uma navegação por um espaço infinito. Assim sendo, adentrar na obra literária se transforma num rito *começante* no qual o canto do despertar se converte num eco de entrelaçamentos de múltiplos caminhos, significados, vozes, silêncios. A literatura repousa nesse mar-sem-fim no qual as rotas obtusas se multiplicam. Segundo Blanchot, toda a arte tira sua origem de um defeito excepcional, toda obra é a realização desse defeito de origem do qual nos vêm a aproximação ameaçada da plenitude e uma nova luz. Entre o erro-deformação e o erro-errância, nasce esse acometimento aberrante, chamado literatura, que não pode ser subordinado aos ditames coercitivos da linguagem. Mas a literatura não é uma simples trapaça, é o perigoso poder de ir em direção àquilo que é: a infinita pluralidade do imaginário. O espaço literário nunca existe como um produto acabado, mas sempre como algo que se espaça e se dissemina. Daí talvez poderemos subtrair um dos maiores ensinamentos blanchotianos: a arte não é mais capaz de portar a necessidade de absoluto. Para Blanchot só importa o livro, tal como é, longe dos gêneros, fora das rubricas, prosa, poesia, romance, testemunho, sob as quais ele se recusa a abrigar-se e às quais nega o poder de lhe atribuir seu lugar e determinar sua forma. Afinal, o por vir da literatura escapa a toda determinação essencial, a toda afirmação que a estabilize ou mesmo que a realize; ele nunca está ali previamente, deve ser sempre reencontrado ou reinventado.

E aqui estamos nós. Dez anos depois da morte de Maurice Blanchot. Mas é importante lembrar que celebrar a morte é na verdade homenagear o nascimento da vida.

Para o pensador francês, a morte é o desnudamento do significado das coisas como condição de origem da obra literária; é preciso partir da morte para se debruçar na intimidade verdadeira das coisas. Festejemos blanchotianamente o décimo aniversário do *nascimento* de uma morte. Pois, como ensina Blanchot, a morte está desde o começo em relação com o movimento, tão difícil de esclarecer, da experiência artística. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou

vivida. Como não terminar esse convite à leitura da nossa Revista recordando um ensinamento de Franz Kafka que é admirado e comentado por Maurice Blanchot: “escrever para poder morrer – morrer para poder escrever”. Que Blanchot continue escrevendo todos os dias. Uma boa leitura a todos.

Ricardo Araújo Barberena  
Organizador